

## EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO: O PRINCÍPIO EDUCATIVO

EDUCATION AND LIBERATION: THE EDUCATIONAL PRINCIPLE

EDUCACIÓN Y LIBERACIÓN: EL PRINCIPIO EDUCATIVO

Egberto Pereira dos Reis<sup>1</sup>

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3178

Recibido: 11/08/2025 | Aceptado: 12/08/2025 | Publicación en línea: 21/08/2025.

### RESUMO

Neste artigo, buscamos compreender de que forma um grupo de atores e autores denominados intelectuais orgânicos atuaram na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) e na sociedade civil. Esta atuação se deu fundamentado num ideário denominado Teologia da Libertação, em que as guerras de posição, segundo Antonio Gramsci propõe que se possa buscar a hegemonia. Neste contexto, a existência de um grupo de intelectuais, que formam um movimento relativamente coeso, na busca pela libertação política, econômica e social. Neste sentido, estabeleceu-se uma relação educativa entre o povo das CEBs e os intelectuais, isto é, o princípio educativo elaborado por Antonio Gramsci. Assim, a experiência educando/educador foi necessária para o intercâmbio de saberes, pois o intelectual aprende com o povo, estabelecendo a reciprocidade educativa. A identificação desses atores contribuiu para analisarmos quais disputas realizaram e se, de fato, aconteceu a troca de saberes, produzindo, desta forma, o princípio educativo. As consequências dessas disputas foram a presença de uma teologia que se tornou referência enquanto produção intelectual e, sobretudo, identificou-se com o povo das CEBs, em um movimento dialético do partido, segundo a noção de Gramsci. Os intelectuais da REB, com o povo das comunidades de base, formaram um partido comprometido com questões sociais, na tentativa de mudar a superestrutura.

**Palavras-chave:** Intelectuais Orgânicos. Libertação. CEBs. Princípio Educativo. Educação.

### ABSTRACT

In this article, we seek to understand how a group of actors and authors called organic intellectuals acted in the Revista Eclesiástica Brasileira (REB) and in civil society. This action was based on an ideology called Liberation Theology, in which the wars of position, according to Antonio Gramsci, propose that hegemony can be sought. In this context, the existence of a group of intellectuals, who form a relatively cohesive movement, in the search for political, economic and social liberation. In this sense, an educational relationship was established between the people of the CEBs and the intellectuals, that is, the educational principle elaborated by Antonio Gramsci. Thus, the student/educator experience was necessary for the exchange of knowledge, as the intellectual learns with the people, establishing educational reciprocity. The identification of these actors contributed to analyze which disputes took place and if, in fact, the exchange of

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.  
E-mail: egbertolibero@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8887-3249>

knowledge took place, thus producing the educational principle. The consequences of these disputes were the presence of a theology that became a reference as an intellectual production and, above all, identified with the people of the CEBs, in a dialectical movement of the party, according to Gramsci's notion. REB intellectuals, with the people of the base communities, formed a party committed to social issues, in an attempt to change the superstructure.

**Keywords:** Organic Intellectuals. Liberation. CEBs. Educational Principle. Education.

## RESUMEN

En este artículo, buscamos comprender cómo un grupo de actores y autores, denominados intelectuales orgánicos, actuó en la Revista Eclesiástica Brasileña (REB) y en la sociedad civil. Esta actividad se basó en la ideología de la Teología de la Liberación, en la cual, según Antonio Gramsci, las luchas de posición proponen la búsqueda de la hegemonía. En este contexto, surgió la existencia de un grupo de intelectuales, conformando un movimiento relativamente cohesionado, en la búsqueda de la liberación política, económica y social. En este sentido, se estableció una relación educativa entre los miembros de las CEB y los intelectuales, es decir, el principio educativo desarrollado por Antonio Gramsci. Así, la experiencia del estudiante/educador fue necesaria para el intercambio de conocimientos, ya que el intelectual aprende de la gente, estableciendo así la reciprocidad educativa. La identificación de estos actores contribuyó a nuestro análisis de las disputas en las que participaron y si, de hecho, se produjo un intercambio de conocimientos, dando origen al principio educativo. Las consecuencias de estas disputas fueron el surgimiento de una teología que se convirtió en referente para la producción intelectual y, sobre todo, se identificó con la gente de las CEB, en un movimiento dialéctico dentro del partido, según la idea de Gramsci. Los intelectuales de la REB, junto con la gente de las comunidades de base, formaron un partido comprometido con las cuestiones sociales, intentando transformar la superestructura.

**Palabras clave:** Intelectuales Orgánicos. Liberación. CEB. Principio Educativo. Educación.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

---

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa demonstrar de que modo um grupo de intelectuais se articulam fundamentados em um ideário e estabelecem uma proposta educativa nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A metodologia adotada foi a bibliográfica, tendo como fonte principal a própria revista, seus editoriais e artigos. Utilizou-se a ainda a análise bibliométrica, como forma de "mensurar" a revista, levantando informações importantes para compreender o tipo de intelectual, sua titulação, as temáticas abordadas, formando um grupo com um mesmo viés libertador.

Levantou-se a hipótese de que o periódico pode ser uma fonte de compreensão e meio

difusor da reforma intelectual e moral e também instrumento de busca da hegemonia. Para tanto, como referencial teórico, pautou-se no pensamento de Antonio Gramsci que, nos *Cadernos do cárcere*, desenvolve um precioso estudo sobre revistas. Para Gramsci, a importância dos periódicos suplanta a questão puramente acadêmica constituída pela dialética da relação entre os intelectuais e operariado. Utilizou-se principalmente o conceito de guerra de posição para compreender a busca da hegemonia dentro da Igreja e diante do Estado. Assim, este artigo visa explicitar como foi elaborando-se o ideário da Teologia da Libertação, suas principais fontes, seus pensamentos e as correntes que ofereceram solidez teórica a essa teologia. Para compreender a questão do princípio educativo, analisou-se, a partir do conceito de guerra de posição, como se travaram as disputas por hegemonia, com relação aos intelectuais da REB, em um enfrentamento com a sociedade civil, e com a própria estrutura eclesial.

Dessa forma, o conceito de intelectual orgânico foi o fundamento para identificar os intelectuais que publicaram na revista e atuaram na sociedade civil. A identificação desses atores contribuiu para analisarmos quais disputas realizaram e se, de fato, aconteceu a troca de saberes, produzindo, desta forma, o princípio educativo. Assim, este estudo procura demonstrar, através da REB, a existência de um grupo de intelectuais, que formam um movimento relativamente coeso, na busca pela libertação política, econômica e social. Para tanto, estabeleceu-se uma relação educativa entre o povo (integrantes) das CEBs e os intelectuais, isto é, o princípio educativo elaborado por Antonio Gramsci.

Nesse sentido, a experiência educando/educador foi necessária para o intercâmbio de saberes, pois o intelectual aprende com o povo, estabelecendo a reciprocidade educativa. As consequências dessas disputas foram a presença de uma teologia que se tornou referência enquanto produção intelectual e, sobretudo, identificou-se com o povo das CEBs, em um movimento dialético do partido, segundo a noção de Gramsci. Os intelectuais da REB, com o povo das comunidades de base, formaram um partido comprometido com questões sociais, na tentativa de mudar a superestrutura.

## OS INTELECTUAIS ORGÂNICOS

A atuação do grupo de intelectuais, a que nos atrevemos classificar como orgânicos, pois estes de fato estabeleceram relações de aproximação e organicidade junto às massas, provocou debates calorosos que compreendemos como guerras de posição, travadas diante do Estado e da

própria Igreja. A ousadia em classificá-los como intelectuais orgânicos se dá pelo simples e complexo motivo que estes intelectuais emergem de uma instituição tradicional. Esta mesma instituição, tradicionalmente ligada à intelectualidade, em sua longa história, contribuiu e contribui para a formação de intelectuais, porém tradicionais, mas desta vez emergem intelectuais orgânicos.

Certas ordens religiosas, tais como os Jesuítas e Dominicanos, são verdadeiras redes de intelectuais "orgânicos" na Igreja, envolvidos em um intercâmbio e em diálogos constantes com o mundo intelectual acadêmico e "profano" - um mundo que, na América Latina, é substancialmente influenciada pelo marxismo (LÖWY, 2000, p.74).

Neste mesmo sentido, Gutiérrez (1975) compartilha com Löwy (2000) a aproximação do teólogo da libertação com o intelectual orgânico.

Se, porém, parte a teologia dessa leitura e contribui para descobrir a significação dos acontecimentos históricos, é para fazer que seja mais radical e lúcido o compromisso libertador dos cristãos. Só o exercício da função profética, assim entendida, fará do teólogo o que, usando expressão de A. Gramsci, pode chamar-se um novo tipo de "intelectual orgânico", alguém desta feita comprometido pessoal e vitalmente com fatos históricos, datados e situados, através dos quais países, classes sociais, homens pugnam por libertar-se da dominação e opressão a que os submetem outros países, classes e homens (GUTIÉRREZ, 1975, p. 25).

No entanto, Gutiérrez (1975) identifica o teólogo libertador como profeta, isto é, intelectual orgânico. O sentido de profeta distancia-se daquele místico e assemelha-se ao intelectual identificado e pretendido por Gramsci (1968), que se reconhece no seu grupo social.

Aqui se pode pensar numa contradição, já que os intelectuais orgânicos são suscitados junto às massas, sabedores de suas realidades, portanto são capazes de trabalhar e estabelecer um princípio educativo no qual o povo ensina o intelectual e vice-versa. Esta aparente contradição pode ser dissipada, a partir do momento em que o conceito de Cristianismo de Libertação<sup>2</sup> explicita como se formam esses intelectuais orgânicos. Apesar da maioria se encontrar na tradicional Igreja Católica, este movimento de libertação é mais amplo e seu nascedouro se encontra também junto ao povo. Portanto, a Teologia da Libertação, o ideário identificado neste artigo, não trata de uma imposição oriunda de instâncias superiores, mas das bases, que pensam

---

<sup>2</sup> O Termo "cristianismo de libertação" será utilizado por Michael Löwy, como um movimento anterior à Teologia da Libertação, eram movimentos sociais, pastorais, que na década de 60, que possuem um caráter social. Este conceito é proposto por ter um maior alcance do que os termos "Igreja" e "Teologia". Cristianismo de libertação implica a fé e a prática, isto é, a "fé", não é intimista, mas possui um conteúdo necessariamente social.

e forjam uma nova sociedade. O próprio cristianismo nasce dessa forma, num movimento de base que propõe novas estruturas libertadoras.

O movimento social que surgiu primeiramente entre os grupos que estavam localizados na interseção desses dois grupos de mudanças: os movimentos laicos (e alguns membros do clero), ativos entre a juventude estudantil e nas comunidades mais pobres. Em outras palavras, o processo de radicalização da cultura católica latino-americana que iria levar à formação do cristianismo de libertação não começou, de cima para baixo, dos níveis superiores da Igreja, como a análise funcionalista que aponta para a busca de influência por parte da hierarquia sugeriria, e nem de baixo para cima, como argumentam certas interpretações "de orientação popular" e, sim, da periferia para o centro. As categorias ou setores sociais envolvidos no campo religioso-eclesial que iriam se tornar a força impulsora para a renovação eram todos, de um jeito ou de outro, marginais ou periféricos em relação à instituição: movimentos laicos e seus consultores, especialistas laicos, padres estrangeiros, ordens religiosas (LÖWY, 2000, p.70- 71).

A Revista Eclesiástica Brasileira (REB), oferece materiais preciosos e documentos importantes para se compreender a relevante relação entre povo e intelectuais. Para tanto, foi preciso estabelecer o recorte na revista entre 1972 e 1986. Esse período foi marcado pela liderança de Leonardo Boff como redator, mas, além desse brilhante intelectual, a marca essencial foi à ruptura editorial ou a mudança progressista da revista. O golpe editorial, a imagem da revista *L'Ordine Nuovo* foi determinante para que o grupo de intelectuais pudesse se identificar e aprofundar o ideário de libertação de forma sistemática e profunda.

No entanto, como é proposto e testemunhado na revista *L'Ordine Nuovo*, principalmente em um artigo publicado em 14/08/1920, quando o próprio Gramsci fala de um "golpe de redação" (*Ordine Nuovo*), constata-se que, até a citada data, a revista foi somente uma antologia, uma resenha de cultura abstrata e medíocre intelectualmente. Gramsci, juntamente com seus companheiros Terracini e Togliatti, cofundadores da revista *L'Ordine Nuovo*, promovem uma mudança radical nos destinos do periódico (REIS, 2014, p. 46-47).

A proposta de se trabalhar tendo como referência um periódico tornou-se relevante a partir do momento em que Gramsci, nos *Cadernos do Cárcere*, propõe o estudo "Tipos de revistas", em que destaca desde o papel administrativo até a propagação e manutenção de uma nova mentalidade. Assim, identificamos que, na revista REB, foi possível, a partir da ruptura do primeiro editorial, a formação de uma nova concepção de mundo, a formação e manutenção do ideário libertador.

A partir desse momento, a ideia de uma estruturação de poder que partisse da célula da comissão interna da própria fábrica e que fosse ampliada pelas massas de operários cada vez mais conscientes do próprio papel, passou a ser a mola propulsora de *L'Ordine*

*Nuovo*. Desta forma, o problema da ampliação das comissões internas "tornou-se o problema central, tornou-se a ideia do Ordine Nuovo (...) tornou-se para nós e para todos os que nos seguiam, o jornal dos conselhos de fábrica"<sup>3</sup> (tradução nossa). A revista passou a atuar, portanto, em um campo bem diferente daquele que era comum às outras revistas que já tivemos ocasião de mencionar. Atuou bem próximo dos operários, bem mais que a *Critica sociale*, até então a revista do partido socialista (ARRIGONI, p. 74, 1988).

De forma contundente, as CEBs tornaram-se campo de batalha para as guerras de posição. Num momento em que grande parte da América latina e em especial o Brasil passava pela repressão dos regimes militares, a Igreja, e em particular as CEBs tornar-se-ia um dos únicos lugares em que era possível a abertura para o debate político e democrático. Esta articulação dentro das CEBs, só foi possível com a inserção da educação popular e política. Numa forma abrangente, no cotidiano, o povo foi capaz de superar em certa medida a dicotomia entre fé e política.

Assim, formou-se de fato o grupo de intelectuais da REB, na tentativa de se fazer uma reforma intelectual e moral. Os intelectuais alcançaram projeção e expressividade na sociedade civil e dentro do próprio mundo eclesial, ainda que partes desses setores desconfiassem do caráter subversivo do grupo. Essa projeção ganhou grandes proporções e credibilidade dentro e fora do país. Para chegarmos a esta sentença elaboramos um percurso para a compreensão do papel que esses atores desempenharam na sociedade.

Foram 584 autores que escreveram na revista e selecionamos os quinze que mais publicaram, por esses darem a tônica da revista. Como se observa na Tabela 1, Leonardo Boff, o redator, foi quem mais escreveu na revista, seguido de Clodovis Boff, que também publicou de forma expressiva. E Eduardo Hoornaert, José Comblin e João Batista Libânio completa o grupo dos cinco que mais tiveram publicações. É necessário observar que esses cinco primeiros, juntamente com Alberto Libânio Christo (Frei Betto) e José Oscar Beozzo, que aparecem na Tabela 1, são considerados grandes expoentes da Teologia da Libertação<sup>4</sup>. O ideário da revista foi anunciado no primeiro editorial e foi se consolidando, com a adesão de teólogos ligados a essa corrente. Dessa forma, compreende-se que o desenvolvimento intelectual, ao redor da revista, foi orientado por um grupo de intelectuais que compartilhavam de uma teologia, por meio da qual procuravam elaborar seus trabalhos com clareza e solidez teórica à luz da fé e do Magistério

---

<sup>3</sup> "divenne il problema centrale, divenne l'idea dell'Ordine Nuovo (...) divenne per noi e per quanti ci seguivano, il giornale dei consigli di fabbrica" (ARRIGONI, p. 74, 1988).

<sup>4</sup> A informação destes teólogos ligados à Teologia da Libertação se encontra no site de João Batista Libânio. <http://www.jbllibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=162>

Eclesiástico (LIBÂNIO, 2011).

Tabela 1: Autores com mais de 6 artigos publicados entre 1972 e 1986

| <b>Autores</b>                              | <b>Nº de artigos</b> | <b>Porcentagem do total</b> |
|---------------------------------------------|----------------------|-----------------------------|
| Leonardo Boff                               | 36                   | 6,16%                       |
| Clodovis Boff                               | 23                   | 3,94%                       |
| Eduardo Hoornaert                           | 21                   | 3,60%                       |
| José Comblin                                | 17                   | 2,91%                       |
| João Batista Libânio                        | 12                   | 2,05%                       |
| Pedro A. Ribeiro de Oliveira                | 11                   | 1,88%                       |
| Antônio Moser                               | 11                   | 1,88%                       |
| Hubert Lepargneur                           | 10                   | 1,71%                       |
| Riolando Azzi                               | 10                   | 1,71%                       |
| José Oscar Beozzo                           | 10                   | 1,71%                       |
| Luiz Alberto Gómez de Souza                 | 9                    | 1,54%                       |
| Francisco C. Rolim                          | 9                    | 1,54%                       |
| Antônio da Silva Pereira                    | 7                    | 1,19%                       |
| Bernardino Leers                            | 7                    | 1,19%                       |
| B. Beni dos Santos                          | 6                    | 1,02%                       |
| Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto) | 6                    | 1,02%                       |
| Demais autores                              | 379                  | 64,90%                      |
| <b>Total</b>                                | <b>584</b>           | <b>100%</b>                 |

Fonte: Dados organizados pelo autor a partir da revista REB, no período de 1972 a 1986

Esses dados ajudam a identificar o perfil dos autores ou intelectuais envolvidos na produção e elaboração da revista. Primeiro, a constância com que esses intelectuais escreveram na revista, como foi visto, demonstra comprometimento com uma causa, ou com o ideário. Segundo, que esses intelectuais estavam inseridos em conflitos ou nas guerras de posição com o Estado, em especial com o regime militar, que suspeitava de suas atividades, como sendo subversivas. Terceiro, que a própria Igreja era ponto de apoio para a busca da libertação e, ao mesmo tempo, um inimigo a ser combatido.

## A REVISTA

No estudo sobre as revistas utilizamos especialmente Antonio Gramsci e Robert Darnton, para compreender a importância do periódico para uma nova concepção de mundo. Assim, detectamos a importância da publicação contínua da revista, pois esta pôde oferecer um debate duradouro que revela no caso da REB, o ideário de um grupo de intelectuais que pensam e trabalham por uma hegemonia junto à sociedade civil. Todo o processo de elaboração do

periódico, quando organizado pelos diretores e redatores, leva à intencionalidade de um público específico, para uma formulação e manutenção cultural. Além da qualidade dos materiais produzidos com a finalidade de atrair o leitor, leva-se em conta principalmente a orientação intelectual do periódico que identifica o grupo na construção do edifício cultural.

Evidentemente que nem todos periódicos têm a função de construir um ideário, no entanto, a REB possui esta característica, de identificação intelectual do grupo, que se torna evidente principalmente quando estudamos o gênero editorial, pois este traz o ponto de vista defendido pelo grupo. Assim, compreendemos que a REB tornou-se um centro difusor de ideias, de uma nova concepção de cultura, até mesmo a proposta da reforma moral e intelectual. Para tanto, nas páginas da revista, visualizamos as guerras de posição referidas por Gramsci, com diversos embates, com a finalidade de buscar o consenso e a direção moral e intelectual na sociedade civil. As guerras de posição explicitaram o desenvolvimento intelectual do povo das CEBs, bem como a postura de intelectuais orgânicos da REB. Estes mesmos intelectuais adentraram a vida prática, participando de forma orgânica nas vicissitudes do povo. Deste ponto de vista a REB exerceu de forma aproximativa a função educativa na reciprocidade de saberes.

De acordo com os estudos feitos com relação à revista, de modo geral e como esta deve ser composta, segundo a concepção gramsciana, vamos procurar refletir a partir de dados que emergiram, para compreender como a revista REB, à semelhança da *L'Ordine Nuovo*, ofereceu elementos consistentes que pudessem proporcionar uma prática, tanto dos intelectuais como do povo. É necessário salientar que este povo vai ser denominado Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que exercem uma função semelhante aos conselhos de fábricas que proporcionaram aos operários, no caso das CEB's, trabalhadores em geral, compreender e transformar a própria realidade. Nesse sentido, procuramos compreender como a REB estabeleceu um ligame entre intelectuais e povo, isto é, de que forma os primeiros aproximaram-se do povo, como intelectuais orgânicos, que veremos mais adiante, e como o povo exerce uma função formativa nesses intelectuais. É necessário ressaltar que buscaremos demonstrar a possibilidade de um intercâmbio de saberes entre o povo e o intelectual e como a REB cumpriu esse papel (REIS, 2014, p. 51-52).

Neste cenário, tornou-se preciso abordar a Editora Vozes<sup>5</sup>, que publica a revista REB; procuramos elaborar um percurso histórico para contextualizar a revista, com a intenção de compreendê-la. Assim, desenvolvemos ainda que de forma precária, suas origens na cidade de Petrópolis, a vinda dos franciscanos da Alemanha para o Brasil e a fundação da editora. Com o intuito educacional, os frades trabalharam com afinco para o desenvolvimento e crescimento da editora. Foram diversos os frades que dirigiram a editora, porém, um merece a nossa atenção:

---

<sup>5</sup> A Editora Vozes foi fundada em 5 de março de 1901, na cidade de Petrópolis – RJ.

Frei Ludovico que esteve à frente dessa empresa pela segunda vez entre 1962 a 1986. Coincidentemente, o ano de 1986 foi o último ano de Leonardo Boff como redator da REB e colaborador da Editora Vozes.

A administração da era Ludovico, foi dinâmica e, do ponto de vista comercial, moderna e ousada. Frei Ludovico, abandonou o amadorismo, cercou-se de profissionais de diferentes áreas para a editora crescer e tornar-se uma das mais respeitadas editoras brasileiras. Nesse período, a editora espalhou-se pelo território brasileiro, com diversas filiais. A propaganda era "agressiva" e a abertura editorial tornou-se um dos elementos principais para a sua expansão. De editora católica, a Vozes tornou-se um centro de difusão cultural e intelectual. As publicações não só se multiplicaram como cresceu a diversidade de temas, assuntos e problemáticas, que fizeram da Vozes uma editora multicultural e quiçá secular.

A polêmica esteve ao lado dessa bem sucedida administração. Foram lançados diversos livros que contrariaram setores conservadores da Igreja, cujos principais temas como sexualidade, evolucionismo, feminismo, doutrina, teologia da libertação, hierarquia católica e até publicação de autores protestantes estiveram no centro de polêmicas e debates. A Editora Vozes publicou obras de intelectuais consagrados dentro e fora do Brasil. Esse dado demonstra a importância e a diversidade dessa editora. Ainda sobre a editora, foi discutido como um grupo "revolucionário" conseguiu manter-se e alcançar em certa medida a hegemonia numa instituição anacrônica e paradoxal. Chegamos a alguns fatores tais como o poder financeiro conquistado por frei Ludovico através da editora e parte da alta cúpula da Igreja ter-se posicionado a favor do ideário da libertação que norteou esse período de grande efervescência na busca pela reforma moral e intelectual.

A partir da Editora Vozes, conhecemos melhor a REB, porém, para aprofundar este periódico, utilizamos o método bibliométrico. Mensuramos a revista para selecionar informações de caráter quantitativo e, sobretudo, qualitativo, para explicitar o recorte escolhido. Procuramos interpretar os dados obtidos à luz de Gramsci, para entender a organização do grupo e como eles se articularam nas guerras de posição. Emergiram, neste estudo, os números de artigos publicados, os autores que publicaram (conforme a Tabela 1) entre 1972 a 1986 e, para confrontar essas informações, verificamos os autores que publicaram entre 1965 a 1971.

Tabela 2: Autores com mais de 4 artigos publicados entre 1965 e 1971

| <b>Autores</b>         | <b>Nº de artigos</b> | <b>Porcentagem do total</b> |
|------------------------|----------------------|-----------------------------|
| Boaventura Kloppenburg | 28                   | 10,6%                       |
| José Comblin           | 11                   | 4,16%                       |
| Eduardo Hoornaert      | 9                    | 3,4%                        |
| Alberto Beckhäuser     | 7                    | 2,65%                       |
| Jaime Snoek            | 7                    | 2,65%                       |
| A. Bugnini             | 6                    | 2,27%                       |
| Arlindo Rubert         | 6                    | 2,27%                       |
| Leonardo Boff          | 5                    | 1,89%                       |
| Jesús Hortal           | 4                    | 1,5%                        |
| Valfredo Tepe          | 4                    | 1,5%                        |
| Demais autores         | 177                  | 69,14%                      |
| <b>Total</b>           | <b>264</b>           | <b>100 %</b>                |

Fonte: Autores

Esses dados nos ajudaram a entender quem publicou e deixou de publicar, a fim de visualizarmos o perfil dos intelectuais. Foi visto, ainda, os que mais publicaram na revista e os anos em que mais publicaram, dando ideia da formação do grupo de intelectuais.

Tabela 3: Distribuição dos artigos por autor/ano

| <b>Autores</b>                              | <b>1972</b> | <b>1973</b> | <b>1974</b> | <b>1975</b> | <b>1976</b> | <b>1977</b> | <b>1978</b> | <b>1979</b> | <b>1980</b> | <b>1981</b> | <b>1982</b> | <b>1983</b> | <b>1984</b> | <b>1985</b> | <b>1986</b> | <b>Total geral</b> |
|---------------------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------------|
| Leonardo Boff                               | 3           | 2           | 2           | 2           | 3           | 3           | 3           | 2           | 3           | 2           | 2           | 3           | 3           |             | 3           | 36                 |
| Clodovis Boff                               |             |             |             |             | 1           | 1           | 3           | 2           | 4           | 2           | 1           | 2           | 2           | 1           | 4           | 23                 |
| Eduardo Hoornaert                           | 2           | 2           | 2           | 1           | 2           | 2           | 1           |             | 2           | 3           |             |             | 2           | 1           | 1           | 21                 |
| José Comblin                                | 1           | 2           | 2           | 1           | 2           | 1           | 1           |             | 1           | 2           | 1           | 1           |             | 1           | 1           | 17                 |
| João Batista Libânio                        | 1           | 2           | 1           |             | 1           | 1           | 1           | 1           | 2           | 1           |             |             |             |             | 1           | 12                 |
| Pedro A. Ribeiro de Oliveira                | 1           |             | 1           |             | 2           |             |             |             | 2           | 2           |             | 2           | 1           |             |             | 11                 |
| Antônio Moser                               |             | 2           |             | 1           | 1           | 1           | 1           |             | 2           |             |             | 1           | 1           | 1           |             | 11                 |
| Hubert Lepargneur                           | 2           |             |             |             |             | 1           | 1           |             | 1           | 1           | 1           | 1           | 1           | 1           |             | 10                 |
| Riolando Azzi                               |             |             | 2           | 3           | 1           | 1           | 1           |             |             |             | 2           |             |             |             |             | 10                 |
| José Oscar Beozzo                           |             |             |             | 1           |             | 1           | 1           |             |             |             | 3           | 1           |             |             | 3           | 10                 |
| Luiz Alberto Gómez de Souza                 |             |             |             |             |             |             | 2           | 1           | 1           | 1           |             | 1           |             | 1           | 2           | 9                  |
| Francisco C. Rolim                          |             | 2           |             |             | 1           |             |             |             |             | 2           | 1           |             | 1           |             | 2           | 9                  |
| Antônio da Silva Pereira                    | 2           | 2           |             |             |             |             | 1           |             |             | 1           |             |             |             | 1           |             | 7                  |
| Bernardino Leers                            |             |             | 1           | 1           |             |             |             |             |             |             | 1           |             | 2           | 2           |             | 7                  |
| B. Beni dos Santos                          | 1           | 1           | 2           | 1           |             |             |             |             | 1           |             |             |             |             |             |             | 6                  |
| Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto) |             |             |             |             |             | 1           |             | 2           |             |             | 1           | 1           |             |             | 1           | 6                  |

Fonte: Dados organizados pelo autor a partir da revista REB, no período de 1972 a 1986

A titulação desses intelectuais demonstra o nível elevado da revista, pois a maioria possuía o título de doutor. As ciências humanas é que mais prevalece, em especial nas áreas de teologia e de filosofia.

Tabela 4: Formação Acadêmica

| <b>Formação</b>            | <b>Nº de autores</b> | <b>Porcentagem</b> |
|----------------------------|----------------------|--------------------|
| Filosofia e Teologia       | 338                  | 58%                |
| Teologia                   | 44                   | 8%                 |
| Total Filosofia e Teologia | 100                  | 66%                |
| Sem informação             |                      | 17%                |

Fonte: Dados organizados pelo autor a partir da revista REB, no período de 1972 a 1998

Esses autores estavam vinculados às Universidades, no entanto, atuantes no mundo acadêmico, sem, contudo, perderem a vinculação com a práxis. E, nos temas mais abordados, foi possível visualizar a preocupação político-social dos intelectuais na revista.

## OS EDITORIAIS

Os editoriais nos proporcionaram um panorama geral das revistas e principalmente o posicionamento político e ideológico do grupo da REB. De fato, os editoriais têm a função de demonstrar o ponto de vista defendido, os argumentos apresentados e como se seguem os textos apresentados. Para o enriquecimento da pesquisa, utilizamos os artigos que se tornaram, juntamente com os editoriais, a chave de compreensão do grupo na busca pela libertação e na elaboração do princípio educativo.

Entendemos como editorial o gênero do discurso jornalístico que expressa a opinião do veículo de comunicação sobre fatos mais importantes no espaço político-social-econômico com abrangência local, nacional, internacional. Oferece o ponto de vista da instituição e, como consequência, a sua redação é afetada por certo protocolo, em que se emprega uma linguagem impessoal, concisão na apresentação de argumentos que defende, refutação de opiniões opostas e conclusão que enfatiza o ponto de vista da empresa. Normalmente, ocupa um espaço fixo e costuma não ser assinado. Por tratar de temas da atualidade, tem como finalidade influenciar a opinião pública (CARVALHO, 2008, p. 72).

De fato, o editorial se reveste da *impersonalidade*, por utilizar a terceira pessoa, do singular ou a primeira pessoa do plural (CARVALHO, 2008). Neste sentido, Ruiz (1953) propõe e concorda que a impersonalidade dá o devido valor ao editorial. Pois este "percebe a radiografia

da atualidade e, ao radiografá-la, a diagnóstica. É uma visão no interior da notícia"<sup>6</sup> (RUIZ, 1953, Tradução nossa).

Além da impessoalidade, o editorial se realça de tópicos, assuntos tratados, principalmente nos artigos e comunicações que estão em voga no âmbito social e eclesial. A plasticidade é característica marcante nos editoriais que se “referem não à dogmática dos enunciados. O editorialista precisa ter consciência de que está lidando com o transitório. Sua opinião não é verdade última” (CARVALHO, 2008, p. 83). O caráter transitório é específico dos periódicos e, por esse motivo, torna-se um lugar dialogal contínuo de exposições de ideias e pesquisas.

Contudo, Sousa (2009) afirma que é da natureza do editorial ser argumentativo e, explicitando de forma didática, sugere cinco etapas para se elaborar um editorial. Apesar de Sousa (2009) colocá-las como uma "organização retórica do gênero editorial de jornal", vamos aplicá-las ao estudo da REB.

- a) identificação do ponto de vista defendido pela empresa jornalística;
- b) identificação dos argumentos que sustentam esse ponto de vista.
- c) identificação dos segmentos textuais que não constituam argumentos ou conclusão;
- d) apresentação da ordem na qual as **informações foram distribuídas nos editoriais**, isto é, apresentação da sequência em que aparecem as unidades retóricas em todos os exemplares;
- e) apresentação de uma primeira versão do padrão da organização retórica (SOUSA, 2009, p. 140).

Apesar de ser um lugar de opinião, o editorial está associado a uma dimensão crítica, como requer a sua natureza: a posição ideológica do grupo de intelectuais, as suas concepções da realidade e a releitura da vida social e política, que são debatidas nas páginas do periódico. Em embate sobre a dimensão crítica: primeiro emerge a questão de quem financia o periódico, ou seja, um funcionário irá defender interesses de um determinado grupo.

## A RUPTURA E A FORMAÇÃO DOS INTELECTUAIS DA LIBERTAÇÃO

Para compreender melhor este movimento, observamos que, no ano de 1972, houve a ruptura essencial, semelhante ao *L'Ordine Nuovo*, como passagem para uma nova orientação ideológica, firmando o ideário da Teologia da Libertação.

A revista REB oferece materiais preciosos e documentos importantes para se compreender

---

<sup>6</sup> "saca la radiografía de la actualidad, y, al radiografiarla, la diagnóstica. Es una visión por dentro de la noticia" (RUIZ, 1953, p. 183).

a relevante relação entre povo e intelectuais. No entanto, foi preciso estabelecer o recorte na revista entre 1972 e 1986. Esse período foi marcado pela liderança de Leonardo Boff como redator, mas, além desse brilhante intelectual, a marca essencial foi à ruptura editorial ou a mudança progressista da revista. O golpe editorial, a imagem da revista *L'Ordine Nuovo* foi determinante para que o grupo de intelectuais pudesse se identificar e aprofundar o ideário de libertação de forma sistemática e profunda.

A proposta de se trabalhar tendo como referência um periódico tornou-se relevante a partir do momento em que Gramsci, nos *Cadernos do Cárcere*, propõe o estudo "Tipos de revistas", em que destaca desde o papel administrativo até a propagação e manutenção de uma nova mentalidade. Assim, identificamos que, na revista REB, foi possível, a partir da ruptura do primeiro editorial, a formação de uma nova concepção de mundo, a formação e manutenção do ideário libertador.

Nessa ruptura, aparecem, de forma explícita, os posicionamentos, isto é, as guerras de posição, sobretudo, quando na revista sobre a obra *Jesus Cristo Libertador*, na qual discute a imanência do Cristo e principalmente da teologia. Essa imanência permite fazer a leitura de questões sociais, políticas, econômicas etc. Assim, para a formação, manutenção e continuidade do ideário, foi necessária a presença da diversidade cultural, isto é, as diferenças científicas em diálogo com a Teologia da Libertação.

Talvez seja útil lembrarmos-nos de que não há identificação entre Evangelho e Religião, mesmo cristã ou católica. Devemos ter, talvez, uma consciência mais clara - e não só teórica, mas também afetiva - de que cristianismo ou Evangelho não coincide com determinado sistema religioso, mesmo que se chame de "autêntico", o que é uma expressão tremendamente problemática que implica um julgamento de valor a partir de um certo lugar... Não se pode esquecer que todo sistema religioso é sempre criação cultural: tentativa humana de representar em instituições, pessoas, mitos e ritos, a relação do homem com o mistério cujo Nome é impronunciável. Como se deve lembrar que Evangelho - Cristo, Palavra de Deus - é uma interpelação radical à Vida humana, à ação vital, que passa *também* pela mediação da religião (SOARES, L. BOFF, 1976a, p. 263).

O despertar do ideário ganhou novo alento mediante o conceito de profetismo, em que intelectuais da REB assumiram como missão própria, em meio a uma realidade de pobreza, miséria, injustiças e exploração. O profetismo contribuiu de forma decisiva para uma nova leitura da realidade, denunciando a própria instituição eclesial, na sua contradição frente ao profetismo. Alinhado ao profetismo, surge uma nova conjuntura ou diversos fatores que confluem para uma nova visão dentro do próprio cristianismo. Assim, a Teologia da Libertação é consequência da

confluência de diversos fatores como a própria bíblia, as comunidades primitivas, a doutrina dos primeiros padres, a doutrina social da Igreja, do socialismo e do pensamento europeu. No entanto, apesar desses fatores, existe a originalidade de uma teologia latina americana que se faz a partir da práxis e das bases, para então ocorrer uma elaboração teórica.

Desta forma, o grupo de intelectuais alinhados às ciências sociais, na experiência pastoral/política, explicita a incompatibilidade do cristianismo com o capitalismo. Neste sentido, o grupo da REB, em conjunto com as comunidades eclesiais de base, rejeita a mentalidade de que a pobreza é natural ao ser humano e que o atraso econômico é consequência cultural latino-americana, geradora e justificadora da teoria da dependência. Esta é, sem dúvida, uma nova concepção de mundo, uma forma de elaborar uma reforma cultural e moral, na busca pela hegemonia, pensada a partir de Gramsci. Novamente, visualiza-se nas páginas da revista um posicionamento contrário à ordem vigente. Evidentemente, este fator gerou guerras de posição, fazendo com que parte da Igreja tivesse uma postura voltada às origens cristãs. Para um posicionamento tão sólido foi necessário o diálogo com as ciências, diálogo estabelecido por estes mesmos intelectuais ao longo do período pesquisado.

Ao tratarmos das guerras de posição, nas quais se utilizam as trincheiras no interior da sociedade civil, o grupo aponta uma nova perspectiva, fortalecendo ainda mais o ideário da libertação, das CEBs e dos intelectuais.

Vale ressaltar que, impulsionados pelo Vaticano II, documentos conciliares, encíclicas papais e influência do pensamento social europeu, houve uma releitura da questão da pobreza nos países de terceiro mundo. Gramsci, de fato, já compreendia que se faz necessária uma nova concepção de mundo, pois esta já é uma mudança significativa para possíveis transformações estruturais, o que podemos entender como uma guerra de posição (GRAMSCI, 2011c).

Nesta nova perspectiva, o grupo faz uma crítica e autocrítica dentro da própria instituição eclesial. Ao questionar o papel e a missão do cristianismo na sociedade contemporânea, o grupo levanta dois questionamentos: o primeiro é que o Evangelho e a proposta cristã originante não se configuram com a Igreja como a conhecemos hoje. O segundo é o perigo de o cristianismo, em particular a Igreja, se mostrar como detentora de verdades absolutas, sendo ela de natureza cultural, porém, sujeita às relatividades do tempo. Esses questionamentos levaram à compreensão de que nenhuma instituição, do ponto de vista antropológico, pode ser detentora da radicalidade do evangelho, que se preocupa mais com a vida humana do que com as "verdades" religiosas. Evidentemente, esses posicionamentos relativizam a instituição hierárquica, gerando conflitos de

poder.

Assim, identificamos um movimento de fato, como atestou José Comblin, na revista, e depois Michael Löwy; ainda que faltasse uma maior organicidade, mas este fator não exclui necessariamente o movimento.

Como se relacionam a religião e a política nesse tipo de movimento? Como assinalou Daniel Levine em seus últimos trabalhos, as teorias de "modernização" - que supõe uma especialização funcional cada vez maior e uma diferenciação institucional entre religião e política - não estão em contato com a realidade no continente. Tal modelo de interpretação só funciona se a "religião" pudesse ser reduzida ao culto e a "política", ao governo. No entanto, na América Latina, ambas têm um significado muito mais amplo e, mesmo quando permanecem autônomas, desenvolve-se um elo verdadeiramente dialético entre elas. Conceitos tais como "trabalho pastoral" ou "libertação" têm um significado que é tanto religioso quanto político, tanto espiritual quanto material, tanto cristão quanto social (LÖWY, 2000, p.62).

No entanto, deve-se observar que este mesmo movimento propôs mudanças profundas no seio da instituição eclesial e na sociedade como um todo. Propor e fazer mudanças caracteriza um movimento, pois gera desconforto e insegurança nas instituições hegemônicas. Assim, observamos que houve guerras de posição e que se levantaram trincheiras diante da Igreja e do Estado. Alguns conflitos se destacam ao pois são evidentes e debatidos pelos intelectuais da REB.

O tema da libertação tornou-se uma disputa não só semântica, mas um "campo de batalha", que envolve posicionamentos de caráter ideológico propondo mudanças profundas, principalmente na instituição eclesial. A libertação torna-se a chave de leitura para a realidade, portanto abre-se ao diálogo com o mundo, com a ciência e com a cultura contemporânea. Mais do que isso, a libertação propicia superar a pobreza, mediante a economia e a política. Outra temática importante e delicada foi a questão dos direitos humanos. Esta não seria tão problemática se estivesse num regime democrático. No entanto, os direitos humanos foram tratados dentro do regime militar, que procurava silenciar, em nome da segurança nacional, os subversivos. O grupo da REB tratou de verificar de forma contemporânea a posição eclesial com relação ao regime de exceção. Foi detectado que a Igreja num primeiro momento se posicionou a favor e, num dado momento, parcela da instituição eclesial se colocou contra o regime. No entanto, é interessante observar que por vezes a Igreja agia de forma ambígua, principalmente os conservadores, que apoiavam ou se omitiam diante de torturas, perseguições e cerceamentos de liberdade. Estas posturas ditatoriais são contrárias à essência do cristianismo; portanto, leva-se a acreditar que os interesses eclesiais e pessoais de poder, prestígios e atitude de subserviência estavam acima dos interesses humanos.

Diante desse cenário, muitos cristãos ligados à libertação, em especial bispos por seus ofícios, denunciaram de forma contundente prisões, torturas, maus-tratos e abusos de poder por parte dos militares. Muitos documentos e declaração foram feitos pelos sucessores dos apóstolos, que demonstraram grandeza e coragem evangélica como requer as origens do cristianismo. Vale ressaltar que, nas páginas da REB, encontram-se denúncias feitas pelos intelectuais sobre a violação de direitos humanos não só contra o Estado, mas também com relação à própria Igreja omissa e violadora de direitos. Ainda na batalha das guerras de posição, a conferência de Puebla tornou-se um dos assuntos de grande relevância para o grupo da REB. Principalmente no que se refere à opção preferencial pelos pobres, pois essa escolha implica necessariamente a transformação da própria instituição eclesial.

Apresentava-se, nas décadas de 50 e 60, uma visão alternativa à desenvolvimentista que se tornou conhecida como "teoria da dependência". Segundo esta visão a situação de subdesenvolvimento dos países de terceiro mundo deve-se principalmente não a um atraso em seu desenvolvimento, mas a uma situação de dependência econômica e cultural diante dos países do primeiro mundo que se desenvolveram e continuam a se enriquecer graças a um processo de exploração dos países pobres. Esta situação de dependência e opressão refletir-se-ia também no interior dos países do terceiro mundo onde uma próspera elite, muitas vezes inclusive aliada ao capital internacional, enriqueceria à custa da transferência para si dos bens produzidos por ampla parcela da população, formando no interior destes países uma realidade de riqueza típica do primeiro mundo ao lado de bolsões de misérias típicas do hoje chamado quarto mundo (ANDRADE, 1993, p.16).

A crítica feita pelos intelectuais é sobre o documento de consulta, isto é, de preparação para a conferência. Este documento final abandonaria a opção pelos pobres e, conseqüentemente, a opção pela libertação integral, pelas comunidades eclesiais de base etc. Muitos teólogos foram assessores de bispos na conferência e conseguiram influenciar com o ideário, dando continuidade à Conferência de Medellín. A figura de continuidade de um Papa "progressista" como Paulo VI, dando continuidade ao Vaticano II, e o tema da libertação deram sustentação e prosseguimento ao movimento libertador.

## **AS CEBs E O PRINCÍPIO EDUCATIVO**

Ao tratarmos sobre as CEBs, os Pobres e o Princípio Educativo, isto é, os intercâmbios de saberes entre o povo e os intelectuais, constatamos que a opção preferencial pelos pobres acontece de forma privilegiada nas comunidades eclesiais. Este aspecto foi determinante, uma vez que é identificado na revista que o povo oferece um conhecimento efetivo aos intelectuais e estes, de

forma simultânea, ao povo. Desta forma se estabelece uma troca de saberes que se torna favorável na construção da reforma intelectual e moral. Assim, compreende-se que o conhecimento acontece de forma intercambiável, já que os intelectuais orgânicos não só ensinam, mas adquirem conhecimentos do povo, em especial das CEBs. O fazer/ser/saber do povo só é aceito pelos intelectuais orgânicos se realiza a desalienação do intelectual, superando a prepotência e abstrações idealísticas. Neste trabalho identificamos que a educação supera aquela escolar, como acenou o próprio Gramsci. Esse intercâmbio de saberes acontece de forma privilegiada nas CEBs, nas quais o povo toma gosto pelo saber, estabelecendo de forma dialética a troca de saberes de forma contínua. Um tema importante é sobre a educação popular e política dentro das comunidades eclesiais de base. Existem, nas CEBs, a educação popular que é produzida *pelos* classes, isto é, surgem pelos seus próprios agentes. Há a experiência do saber produzido em conjunto com os membros das classes populares, que são mais democráticos e evidenciam uma maior relação igualitária educador-educando. Para que essa educação seja eficiente é necessária à articulação entre fé e vida, que supera dualismos, e se realiza em concretude. Dessa forma, de acordo com Gramsci, educar a partir da realidade torna-se a alma educativa do povo. Assim, identificamos que nas CEBs o senso comum é superado pelo bom senso de seus integrantes. Desenvolveram uma nova concepção de mundo que os ajudam a superar alienações e contradições causadas pelos modelos políticos e econômicos.

O “bom senso” é outro tipo de concepção do mundo que superou o senso comum, elaborada de forma crítica e consciente, ainda que dentro de limites objetivos restritos, e que participa ativamente e conscientemente na “produção da história do mundo”. Vale salientar que, mesmo os indivíduos não atingindo o bom senso, eles participam da história. Entretanto, é somente através da formação de uma concepção do mundo, crítica e consciente, que o sujeito compreende a sua posição no grupo social e se compreende enquanto protagonista na produção da história. A formação dessa concepção estaria ligada ao trabalho, à vida e à ciência. Daí o papel fundamental que a educação (em sentido amplo e incluindo a escola) desempenha nessa formação. A elevação política de um grupo social implica, segundo Gramsci (1995, p. 14; 36), trabalhar na construção de uma nova filosofia, ou seja, definir sua própria filosofia e combater o senso comum, visando à formação de uma nova concepção do mundo, mais unitária e autônoma, em todos os aspectos da existência. Um trabalho filosófico que deve ser concebido como luta cultural (BAPTISTA, 2000, p. 188-189).

Neste sentido, as comunidades partem para mudanças na vida concreta, estabelecendo ações de reivindicações, como: grupos de mães, mutirão, amigos de bairros, sindicatos, movimentos populares e partidos políticos etc. Os membros das CEBs compreenderam a importância da política, pois, sem essa, não é possível a libertação integral. Desta forma, num processo educativo mais intenso, desenvolveu-se a autoeducação, a conscientização, a análise

histórica, a organização política e a ação efetiva, na tentativa de grandes projetos, como a hegemonia.

Emergem ainda as questões eclesiológicas, quando se levanta a questão do poder dentro da Igreja. Nascia um novo modelo eclesial que se chocava com a hierarquia vigente, pois as CEBs tornaram-se o lugar de atuação do ideário. Assim, a Teologia da Libertação não é somente intelectual, mas, sobretudo, pastoral/política. A Igreja "oficial" enxergou nas CEBs um perigo a ser combatido; conservadores procuraram desqualificar o discurso libertador, associando um possível encontro entre marxismo e cristianismo. Talvez este tenha sido o ponto nevrálgico, pois de fato o marxismo adentrou na reflexão teológica, em que a justificativa é que este pensamento serviria como mediação, ferramenta intelectual e instrumento de análise da realidade social.

Apesar da análise teórica, na prática houve o encontro de cristãos e marxistas, na superação de dogmatismos dos dois lados. O que se concretizou foi uma análise vigorosa e séria do estatuto epistemológico marxista, procurando-se um diálogo que oferecesse caminhos propícios à libertação.

Uma contribuição da teologia que se está fazendo na América Latina consiste em apelar para a mediação das ciências sociais, a fim de tentar responder aos grandes desafios teológicos que se colocam para as nossas igrejas. Servir-se de conceitos marxistas, desenvolver, inclusive, um pensamento dialético, não desvirtua a teologia de seu caráter cristão. Essa postura teológica parte dos fatos tais como se produzem. Não tenta submetê-los a um "dever ser" abstrato, irreal, ideal. (...). Para refletir sobre ela, temos que partir do que ela é, através de suas múltiplas manifestações. (SANTA ANA, 1984d, p. 741- 742).

Assim, o cristianismo mostra todo o seu vigor e tradição profética, quando procura apropriar-se da análise marxista da realidade. Tanto o marxismo como o cristianismo têm no seu bojo o desejo da transformação da sociedade, por isso, a superação entre marxistas e cristãos é possível, unindo-se na luta pela libertação integral.

Nas formas mais autoritárias de regimes totalitários, a mãe Igreja perseguiu e silenciou vários desses intelectuais, fez campanha em favor de um cristianismo conservador, com o discurso de neutralidade que, segundo o grupo da REB, significa muito mais arrogância e demonstração de superioridade. Instruções sobre a Teologia da Libertação, inquéritos no Vaticano, silêncio obsequioso, afastamentos de professores de suas cadeiras, censura a livros, seminários fechados, escolha de bispos conservadores e medíocres fizeram a Igreja de Roma triunfar. Porém, parece que faltou a este grupo ir até o fim, talvez, mas a vinculação com a instituição eclesial os fez recuar algumas vezes e, em outras, enfrentar o poder. Mas os efeitos

deste movimento se fizeram sentir em diversos setores da vida humana, principalmente no da política, no Brasil e em toda a América latina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, neste artigo procuramos mostrar a existência de um grupo de intelectuais orgânicos que escrevem na revista de forma relativamente contínua e que fazem parte de um movimento chamado Teologia da Libertação. Este mesmo grupo estabeleceu a relação educando-educador, na forma de troca de saberes, em que povo e intelectuais estabelecem o princípio educativo. No entanto, esta educação de forma ampla acontece de maneira democrática, principalmente na atuação política. Vale ressaltar que, nas páginas da REB, é explícito que os intelectuais e o povo estabeleceram o princípio educativo, na vivência pastoral e política dentro das comunidades eclesiais de base.

A revista REB forneceu materiais nas quais foi possível identificar o princípio educativo e a formação do grupo, mas vale ressaltar que, como a revista é direcionada ao clero, ela não é acessível à maioria do povo, portanto, ela não tem o mesmo alcance educacional que o periódico *L'Ordine Nuovo*. Neste, ao abordarmos diversos assuntos, o objetivo foi identificar a prática do grupo e o princípio educativo. No entanto, salientamos que alguns assuntos tratados aqui merecem um estudo posterior como: a questão entre capitalismo e cristianismo, os acordos entre a Igreja e os regimes totalitários, a questão da Igreja e os direitos humanos durante o regime militar no Brasil e os acordos que mantiveram Frei Ludovico à frente da Editora Vozes durante muito tempo. Diante da pesquisa feita, almeja-se aprofundar a questão da relação Igreja, regime militar e direitos humanos, para compreender esta relação tão complexa e paradoxal.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. **Capitalismo e Socialismo: diálogo entre a doutrina social da igreja e a teologia da libertação**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

ARRIGONI, Maria Teresa. **Gramsci: universidade, jornalismo e política**. Perspectiva; CED, Florianópolis, 5 (10), 66-80. JAN/JUN. 1988.

BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida. **Práxis e educação em Gramsci**. © Filosofia e Educação (Online), ISSN 1984-9605 – **Revista Digital do Paideia**. Volume 2, Número 1, Abril-Setembro de 2010.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador - Uma visão cristológica a partir da periferia*. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 37, nº 147. p. 501 - 524. Setembro de 1977c.

CARVALHO, Francisco de Assis. **O Gênero Editorial e a Polêmica do Ensino Religioso**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de São Paulo, 2008.

DARNTON, Robert. **O Beijo da Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

EDITORIAL. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 32, nº 125. p. 3. Março de 1972a.

GRAMSCI, Antonio. **Lettere dal Carcere**.. Turim: Einaudi Editore, 1949

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a. Vol 1.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b. Vol 2.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011c. Vol 3.

\_\_\_\_\_. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A Força Histórica dos Pobres**. Petrópolis: Editora Vozes. 1981.

\_\_\_\_\_. **Teologia da Libertação: Perspectivas**. Petrópolis: Editora Vozes. 1975.

LÖWY, Michel. Cristianismo da Libertação e Marxismo: de 1960 aos nossos dias. In: RIDENTI, M; REIS, D.A. (Orgs.) **História do marxismo no Brasil- Partidos e movimentos após os anos 1960**, v. 6, Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Teologia da Libertação**, São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Guerra dos Deuses**: religião e política na América Latina. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Ação Popular: Cristianismo e Marxismo. In: RIDENTI, M; REIS, D.A. (Orgs.) **História do marxismo no Brasil- Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960**, v. 5, Editora da UNICAMP, 2007.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavare de. A organização textual argumentativa em editoriais de jornais. In **Gêneros textuais e comunidades discursivas**: um diálogo com John Swales. In Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Leitura, escrita e Oralidade).

SOARES, Sebastião A. G; BOFF, Leonardo. Avaliação teológica crítica. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 36, nº 141. p. 261 - 272. Março de 1976a

RUIZ, Nicolás Gonzáles. **El periodismo: Teoría e Práctica**, Barcelona: Noguer, 1953.

REIS, E. P. **Os intelectuais da libertação e o intercâmbio educativo: uma Leitura Gramsciana da Revista Eclesiástica Brasileira (1972 - 1986)**. 245 f. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SADER, Emir. (Org.) **Gramsci: Poder, Política e Partido**, São Paulo: Expressão Popular, 2005.

SANTA ANA, J. *Luzes e sombras no texto vaticano sobre a TdL*. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 44, n. 176, Dezembro, 1984.